

ÍNDICE

Agradecimentos.....	13
Prefácio.....	17
Introdução.....	21

Capítulo I

A DEUSA DUPLA DA NOSSA TRADIÇÃO

Outra Perspectiva na Investigação da Deusa.....	27
De Malta à Cultura Céltica do Arco Atlântico: Alargando o Contexto.....	29
A Ibéria como Berço da Cultura Celta.....	31
O Refúgio da Tradição Oral.....	32
A Nossa Tradição Conservou uma Entidade Divina Tutelar de Duas Faces.....	34
As Duas Estações do Ano da Transumância.....	35
A Deusa Dupla, um Ícone do Mundo Antigo.....	37

Capítulo II

CAILLEACH-BRIDE: DEUSA DUPLA DO POVO CELTA

Cailleach, a Deusa que Deu o Nome a Portugal.....	43
Uma Deusa que os Povos Ibéricos Invasores Terão Levado até à Irlanda.....	45
Cailleach na Literatura.....	47
Lendas de Calaiça-Beira.....	49
Epifania da Deusa na sua Dupla Face.....	51

Capítulo III

A FACE DONZELA NO SEU AVATAR SANTA BRÍGIDA DA IRLANDA

A Tradição Viva de Brígida na Irlanda.....	57
Mitos e Lendas de Brígida.....	58

Brígida, uma Deusa Solar Reduzida à Condição de Santa.....	60
A Deusa Pastora.....	62
Protectora das Artes e Ofícios	63
Matrona das e dos Poetas.....	63
Deusa da Cura.....	64
Poços de Águas de Cura	64
Água e Sangue de Cura.....	66
Os Poderes de Cura do Manto Mágico de Brígida	66
O Antigo e Poético Nome da Irlanda.....	68

Capítulo IV

TERÁ A NOSSA SANTA IRIA RELAÇÃO COM A GRANDE DEUSA CELTA

Iria de Portugal.....	71
Iria na Narrativa Popular e Literária	72
Iria na Hagiografia Medieval.....	78
A Lenda da Torre da Magueixa.....	80
A Geografia do Culto de Iria.....	84
Torre da Magueixa.....	84
Iria de Tomar	86
Os Bovídeos na Tradição de Tomar.....	89
Iria de Santarém	92
A Cova da Iria.....	95
O Martírio de Iria e a Destituição da Deusa e das Suas Sacerdotisas	96
Mistérios de Tomar/Sellium?.....	98
A Destruição do Sistema Matrifocal.....	102
Iria de Fátima, a Donzela Abduzida na Basílica da Santíssima Trindade	106
Iria-Brígida, Avatar da Grande Deusa Celta.....	107
A Chama de Iria-Brígida.....	107
A Torre do Fogo de Iria-Brígida e sua Possível Reconversão pelo Ocupante Romano	109
Águas de Cura de Iria-Brígida	115
Cova da Iria.....	115
O Pego de Iria de Tomar	117
Artes e Ofícios da Deusa Iria-Brígida na Serra de Aire.....	119
A Boneca de Iria-Brígida	120

A Arte da Forja na Serra de Aire.....	121
Deusa das Artes da Comunicação.....	121
Deusa da Poesia.....	123
Brígida e a Arte de Prantear (<i>Keening</i>)	125
Iria Defensora da Cidade	127
Deusa Lunar ou Deusa Solar?.....	128

Capítulo V

CALAICA, A FACE ANCIÃ
DA DEUSA DUPLA

Sim, eu Conheço a Calaica.....	133
A Calaica Como um Arquétipo Ainda Reconhecível na Psique Feminina Nacional.....	136
Calaica e a Deusa da Vulva.....	139
Não Sou a Única a Suspeitar da Relação Entre Calaica e a Deusa da Vulva	142
Calaica e a Nossa Natureza Selvagem	143
A Memória da Natureza de Calaica Conservada na Irlanda.....	144
O Arquétipo de Calaica e o Sagrado Riso do Ventre.....	145
Calaica-Beira, a Deusa do Centro da Nossa Roda do Ano.....	149

Capítulo VI

DUAS FORMAS DE MARCAR
O TEMPO CÍCLICO DA DEUSA

Permanência dos Oito Festivais Solares.....	153
Permanência da Divisão Dual do Ano da Deusa	157
Os Dois Meses do Ano Dedicados Especialmente à Nossa Deusa Dupla	158

Capítulo VII

CELEBRAR HOJE A DEUSA DUPLA

Acolhendo a Senhora do Verão no Seu Retorno Anual.....	165
Maia, a Antiga e Nunca Esquecida Rainha de Maio	169
Despedida da Senhora do Verão	171
Encontro com Calaica do Inverno	174

Capítulo VIII
ARTES DA CURA
DE CALAICA-BEIRA

Os Poderes de Cura da Senhora da Oliveira	179
A Cura pelo Azeite.....	179
Curar o Quebranto.....	180
Bênção com Azeite.....	182
O Manto de Iria-Brigida	183
Banho de Cânfora	184
Conclusão	187

INTRODUÇÃO

Em Julho de 2005, organizei, com algumas amigas e amigos, o meu primeiro retiro dedicado à energia do sagrado feminino, na Serra dos Candeeiros. Foi uma experiência maravilhosa, que nunca poderemos esquecer, mas posso dizer que só me tornei pesquisadora da Deusa depois de, em 2009, ter feito a minha primeira viagem a Glastonbury-Avalon, que por acaso também aconteceu no mês de Julho. Aí, ao visitar o Templo dedicado à Senhora do lugar, pude receber inspiração suficiente para procurar pela antiga divindade feminina em Portugal, que como aconteceu por todo o lado, precedeu por milénios as divindades masculinas.

Sete anos depois disso, publiquei o meu primeiro livro, onde defendo ser a nossa terra aquela que na Grécia antiga era vista como o lugar original do mito do Jardim das Hespérides, ou a sua contraparte terrena, o Jardim das sacerdotisas de Hespéria, as Nove Irmãs do Poente, uma terra de paz e de abundância no extremo ocidental da Europa. Nessa dimensão se conserva a memória duma antiga cultura matrifocal, que aqui se terá conservado viva por mais tempo, por ser uma região periférica em relação ao centro do continente, como postula Dalila Pereira da Silva, na obra *Da Serpente à Imaculada*. Na verdade, não sou eu a única pessoa a defender esta ideia, vários autores e autoras são da mesma opinião, desde a já referida Dalila Pereira da Costa a António Quadros ou Vítor Adrião.



Passados, entretanto, todos estes doze anos, o conselho que posso dar a quem quer pesquisar sobre a Deusa é que não basta ler o resultado de investigações prévias, é muito importante olharmos para aquilo que continua vivo ainda hoje na cultura. Quando estamos dispostas e dispostos a olhar para a parte mais visível do antigo culto da Deusa, a reconhecê-lo em lugares, monumentos e tradições, próximas de nós; quando aceitamos que Ela continua viva aqui, que simplesmente se transformou; quando isso acontece, os véus que A recobrem começam a erguer-se, revelando-nos camadas e camadas cada vez mais antigas e primitivas da Sua presença no território. Esta é a conclusão a que tenho chegado no meu trabalho.

Na verdade, quando eu de facto parei para pensar: Onde está a Deusa agora viva no nosso território? A resposta que me surgiu foi: Só pode ser em Fátima, lugar onde todos os anos, com maior incidência em Maio, milhares de pessoas, vindas de todas as partes do mundo, se juntam ainda, em pleno séc. XXI, para louvar e invocar a Senhora.

Sem dúvida que não precisamos de mais para concluir que a entidade feminina aí cultuada com tanto fervor só pode ser uma importante Deusa do território, a Senhora da terra. Só com o pormenor de Ela não ser propriamente de Fátima, mas antes da Cova da Iria. E isto deixa-nos perante uma evidência incontornável: o nome da Deusa que se cultua no lugar da Cova da Iria, onde se diz que apareceu em 1917 a duas Pastorinhas e a um Pastorinho, é, só pode ser, Iria. Quem apareceria na Sua Cova senão Ela própria, uma antiquíssima conhecida nossa, Senhora de tantos poderes e lugares, de norte a sul do país?

Posto isto, uma questão se coloca, porém, em relação à Senhora da Cova da Iria: Se Ela apenas está connosco seis meses no ano, de Maio a Outubro, que Deusa rege a metade mais escura e invernososa do ano? E não é difícil, como veremos mais adiante, chegarmos à Anciã, a “uma Velha muito velha”, normalmente astuta, indestrutível, indomável, dotada do poder de metamorfose, sumamente resiliente e feroz, que foi demonizada no seu papel de Bruxa, símbolo e personificação do Inverno.



CAILLEACH, A DEUSA QUE DEU O NOME A PORTUGAL

O material da Escócia, onde a nossa história começa, pode ser interpretado como mostrando a existência de uma antiga figura dual da Deusa retratada em termos de luz e escuridão, Verão e Inverno, vida e morte. Essa dualidade é muito mais parecida com o conceito oriental de Yin e Yang do que com a ideia cristã da batalha entre o bem e o mal. Na tradição escocesa, a deusa do Inverno, a bruxa, na verdade torna-se a deusa dourada do Verão, Bride [a “noiva” em inglês]. Bride, a precursora pagã de Santa Brígida, era comum à Grã-Bretanha e à Irlanda (...)

STUART MCHARDY

The Quest for the Nine Maidens, 2003

C heguei à já aqui mencionada teoria da Continuidade Paleolítica precisamente porque estudava a mitologia céltica das Ilhas Britânicas, graças à qual fiquei a conhecer Cailleach, Deusa da Irlanda e da Escócia, que Sorita d’Este e David Rankine, afirmam ter sido a mesma que deu o nome a Portugal, *Portus Cale*, e à Galiza, *Cailícia*. Lá no Norte, Ela é a *Cailleach Bhéara*, *Cailleach Bheare*, *Cailleach Bheur*, a *Hag of Bheare* (a “Bruxa da Beira”) que vive na península com o mesmo nome, no condado de Kerry, na Irlanda. Já na Escócia, concluiu o folclorista Donald Alexander Mackenzie, no princípio do séc. XX, Ela é também Beira, exactamente como nós escrevemos em português o nome das nossas províncias. “Beira, Rainha do Inverno”, é a personagem central do conto que escreveu com este mesmo título, a própria personificação do Inverno e a mãe de todas as Deusas e Deuses da mitologia escocesa, de acordo com um dos mitos célticos da criação. Está relacionada com



características físicas da paisagem, e foi-lhe atribuído um papel semelhante àquele desempenhado pela Deusa grega Gaia ou pela Deusa Jord, da mitologia nórdica.

Acredito que o teónimo Beira se refira à sua face Donzela, já que esta Deusa céltica também é vista como uma Deusa Dupla, ou seja, ao mesmo tempo Anciã e Donzela e por isso faz sentido que na tradição da Escócia e da Irlanda ela seja conhecida também como *Cailleach Bheara*. Ora, segundo afirma Kathy Jones em *A Deusa da Antiga Britânia*, “o nome *Bheara* deriva da mesma raiz do da Deusa Vaca/Boi (*Cow Goddess*) *Bo, Boi, Boand*, que mais tarde se tornou Brígida”. Este radical ainda o conservamos no nome da ribeira de Boina, que desagua em Portimão, não longe do monumento funerário de Alcalar, semelhante ao de Newgrange, na Irlanda, que se situa precisamente no vale do rio Boyne, no condado de Meath.

Esta ideia da Deusa dupla vai ao encontro daquilo que afirma F. Marian McNeill, de acordo com *Ramo de Prata: Um Calendário dos Festivais Nacionais Escoceses, da Candelária às Colheitas*, de William MacLellan, 1959: “Em parceria com a deusa Brìghde, Cailleach é vista como uma deidade ou espírito sazonal, governando os meses do Inverno, entre o *Samhain* (1 de Novembro ou primeiro dia do Inverno) e *Beltane* (1 de Maio ou primeiro dia do Verão), enquanto Brìghde governa o Verão, os meses entre o *Beltane* e o *Samhain*. Algumas interpretações consideram *Cailleach* e Brìghde como duas faces da mesma deusa, enquanto outras descrevem a *Cailleach* como aquela que se transforma em pedra por *Beltane*, retomando a forma humana pelo *Samhain*, a tempo de governar durante os meses do Inverno. Dependendo do clima local, a transferência de poder entre a deusa do Inverno e a deusa do Verão é celebrada a qualquer momento entre *Là Fhèill Brìghde* (1 de Fevereiro), *Latha na Cailliche* (25 de Março) ou *Bealltainn* (1 de Maio), o mais tardar.” Segundo a mesma fonte, os festivais locais que marcam a chegada dos primeiros sinais da Primavera podem ser nomeados segundo *Cailleach* ou Brìghde.

De resto, esta visão céltica da divindade tem permanecido viva até aos dias de hoje, não apenas entre nós, mas também numa tradição nunca interrompida em Glen Calliche, perto de Glen



Lyon, na região de Perth and Kinross, na Escócia. É aí que podemos encontrar a Casa da Bruxa (*Tig nam Bodach*), uma pequena estrutura em pedra, contendo outras pedras moldadas pela água, conhecida como a *Cailleach e os seus filhos, ou filhas*. Nos meses de Verão, do primeiro de Maio ao primeiro de Novembro, as pedras são colocadas fora do santuário, até que, no começo do Inverno, elas regressam ao seu interior pelas mãos dos pastores locais. Afirmo Rachel Patterson, em *Pagan Portals – The Cailleach* (“*Portais Pagãos – A Cailleach*”), sobre este ritual: “parece ser um costume muito antigo, uma tradição mantida através das gerações. Acredita-se que seja um ritual agrícola de prosperidade trazendo a Cailleach para o exterior, a fim de cuidar do gado, durante o Verão. E a narrativa prossegue afirmando que a Cailleach e à sua família foi oferecida certa vez guarida naquele abrigo do vale pelos habitantes locais. A Deusa ficou tão agradecida que, como forma de pagamento, deixou aquelas pedras com a promessa de que enquanto delas cuidassem ela asseguraria a prosperidade e fertilidade àquela terra.”

UMA DEUSA QUE OS POVOS IBÉRICOS INVASORES TERÃO LEVADO ATÉ À IRLANDA

Cailleach, a velha mulher do Inverno, a bruxa, é a mãe ancestral, deusa antiga da Escócia, Irlanda e Grã-Bretanha. Como Cailleach Bheur, ela é a bruxa azul escocesa que renasce pelo Samhain, congelando tudo ao seu redor com o cajado recebido de Bridie e que se transforma num bastão negro no Inverno. Como Cailleach na Montaigne, ela é a antiga mãe das montanhas. Na Irlanda, ela é Cailleach Bheara, mãe de Aine, e na Escócia é filha de Grainne, o sol do Inverno. Ela também era conhecida como “Deusa Ursa”, “Deusa Javali” e “Cara enrugada”. No moderno gaélico Cailleach significa “velha esposa”, mas antigamente significava “a noite”. Ela é a terra coberta de neve branca.

O seu relacionamento com Bridie (Brigit) às vezes é tão forte que parece tratar-se apenas de mais um aspecto da mesma deusa. Em algumas lendas, Cailleach apenas entrega a Bridie o bastão branco para que ela possa assim acordar a terra. Noutras narrativas, ela mesma bebe de uma fonte de juventude e se transforma em Bridie.

